

FEIA, HORRIVELMENTE FEIA

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma peça estilo drama de terror terrorífica em três atos e cinco personagens

PERSONAGENS

Gabriela

Arnaldo

Gilberto

Irene

Elena

1º ato — cenário de um bosque ou jardim.

2º ato — cenário do interior da casa de Gabriela; atentar a uma imitação de uma escada.

3º ato — o mesmo cenário do 2º ato.

ESCALA DE PERSONAGENS [3 HOMENS E 2 MULHERES]

1º ato — Arnaldo; Gilberto; Irene; Gabriela;

2º ato — Arnaldo; Gabriela; Gilberto.

3º ato — Arnaldo; Irene; Elena; Gilberto; Gabriela

MAQUILAGEM:

Gilberto — Galã; terno e gravata.

Arnaldo — idem.

Gabriela — Pode ser um homem maquiado como uma mulher horrível de fala fanhosa e grossa.

Elena — Uma moça, tipo gatinha e bonita; bem maquiada.

Irene — Jovem; moça simples.

TRUQUES:

1º ato — Fotografia no bolso de Arnaldo em que esteja Gabriela.

2º ato — Telefone na mesa; Arnaldo usa-o telefonando para Gilberto.

3º ato — Garrafa de champanhe cheia, que Arnaldo oferece aos amigos; copos também. O truque da pólvora para Gabriela desaparecer: quando ela imitar a voz trêmula “venha Arnaldo, etc”.

Capricheem nessas partes terroríficas.

Obs: é mais interessante um homem fazer o personagem da Gabriela.

1º ATO

EM CENA ARNALDO E GILBERTO; AMBOS CONVERSAM.

Arnaldo — E então? Você não acha que é uma boa ideia e também um ótimo negócio?

Gilberto — Você está mais é ficando louco. Imagine só o que poderia acontecer, casando-se com uma mulher daquelas.

Arnaldo — Não aconteceria nada. E a grana que ela possui? Não vale nada? Hein?! Vamos! Diga, rapaz, até você teria inveja de mim ao me ver dono daquela grande fortuna?

Gilberto — É, Arnaldo, eu acho que o casamento é coisa séria. Não é pra um dia, nem dois. Portanto, quero advertir-lhe, que não é consciente.

Arnaldo — Oras... Veja só. Não é consciente? O que me interessa é o dinheiro, rapaz. As consequências: suportar a presença dela... e não ir com a cara dela. Enfim, não vai ser problema para mim. Isso tudo será muito fácil. Você bem me conhece, Gilberto.

Gilberto — Eu sou-lhe franco, Arnaldo. Eu não teria coragem de fazer isso por dinheiro nenhum.

Arnaldo — Você está mais com ciúmes, pois eu tenho bastante coragem. Caso-me com ela, daí tudo que é seu, será meu, é claro. E então, com sua fortuna terei um carro bom, dinheiro grosso no bolso, conforto... Outra coisa: com aquela fortuna poderei ter a mulher que eu desejar, certo?

Gilberto — Eu não estou metendo o bedelho no meio, mas no meu modo de pensar, acho que você não podia abusar tanto. Se você se casar com ela, terá que viver só para ela, é claro.

Arnaldo — Agora é você quem enlouqueceu.

Gilberto — Eu não... Seria se lhe casasse com um tipo dessas. Quero apenas aconselhá-lo, apesar de não ser tão coroa.

Arnaldo — E você não acha que eu já estou bastante crescido para receber tal conselho? Não me irrite, sim. Se quiser que continuemos amigos, é melhor não falarmos mais nesse assunto.

Gilberto — Ainda bem que não fui eu quem tocou nesse assunto.

Arnaldo — Você quer ser meu amigo mesmo?

Gilberto — Oh... Como não?

Arnaldo — Então vá lá e diga a essa tal de Gabriela que eu, Arnaldo, quero falar com ela sem falta. Pode dizer-lhe que eu estou gamado por ela. Você faz esse favor, Gilberto?

Gilberto — Eu não vou me meter na sua vida não. Diga-o sozinho.

Arnaldo — O que é isso, rapaz? Você nem parece que é meu amigo...

Gilberto — Sou seu amigo, mas...

Arnaldo — Te devo uma promissória, não se esqueça disso, hein? Se você não for, não pago.

Gilberto — O que é isso, Arnaldo?

Arnaldo — Deixemos dessa bobagem toda [BATENDO NAS COSTAS DE GILBERTO] Nós somos amigos e você não vai marcar, não é?

Gilberto — Está bem, está bem... Mas já vou lhe avisando: eu não estou no meio disso, hein.

Arnaldo — Vai... Vai... Estou ansioso por ver a minha Gabriela.

Gilberto — Escute... e Irene? Ontem mesmo perguntou por você.

Arnaldo — Que Irene nada... Irene não é o meu tipo. Não tem nada para me oferecer.

Gilberto — Ela o ama, Arnaldo.

Arnaldo — Mas não tem o tutu.

Gilberto — Quer dizer que a pessoa pode ser como for: tendo dinheiro, tem valor?

Arnaldo — É claro... Você não vê Gabriela? É horripilante, mas tem grana à beça. Vai... Vai falar logo com ela, antes que alguém tenha a mesma ideia. Se eu não for milionário desta vez, nunca mais serei.

Gilberto — Então eu vou mesmo?

Arnaldo — Vá sim... Diga-lhe que estou aqui e quero falar-lhe sem falta. Estou gamadinho por Gabriela.

GILBERTO SAI DE CENA. À PARTE, UMA GARGALHADA E...

Arnaldo — Só mesmo sendo um idiota para não aceitar essa valiosa fortuna. Eu poderia casar com ela e, depois de uns dias, irei provocar um acidente contra ela. Assim ficarei com toda essa riqueza... E, Arnaldo, o milionário... [GARGALHADA] O milionário! [E DÁ OUTRA GARGALHADA]

NISSO IRENE ENTRA EM CENA

Irene — Arnaldo, querido. Você esteve sumido...

Arnaldo — Não, Irene... Eu... Eu... Nestes últimos dias ando muito ocupado, sabe.

Irene — Você não sai mais comigo, não me convida para ir ao cinema, ao jardim...

Confesso que estou estranhando o seu modo.

Arnaldo — É... que coisa... Você até demorou para se estranhar. Já era tempo de perceber.

Irene — Não entendo...

Arnaldo — É fácil... Nós não temos mais nada, Irene. Nosso romance hoje termina. Olhe para mim. Já terminou há muito tempo.

Irene — Você está brincando, querido?

Arnaldo — Não me chame mais de querido. E não estou brincando. Eu nunca te amei. Tudo foi um fingimento. Não peça explicações, por favor.

Irene — Está bem... Mas posso saber quem é a minha rival? E, ao mesmo tempo, a felizarda?

Arnaldo — Pode sim. É a Gabriela [A MOÇA DÁ UMA GARGALHADA]

Irene — Eu não disse que tudo não passava de uma brincadeira? E pensa que eu acredito.

Arnaldo — Vai ver então.

Irene — Oh, não queria levar a sério. Essa não cola. Imagine só se um pão como você ia se apaixonar por uma criatura tão horrorosa.

Arnaldo — O que há de mal nisso? Ela é solteira...

Irene — É claro que ela é solteira. Quem é o louco a casar com um bicho daquele?

Arnaldo — Pois fique sabendo, Irene, que eu sou esse louco.

Irene — Olhe, Arnaldo. Porque você não faz um exame médico. Talvez esteja louco mesmo.

Arnaldo — Não... Não é preciso, pra esse tipo de loucura, não há remédio.

Irene — Engraçado... Você sabe que não gosto de conversa fiada e continua fazendo.

Arnaldo — Irene... Suma-se daqui! Não quero mais vê-la, entendeu?

Irene — Eu vou embora mesmo. Pra ouvir asneiras suas não tenho tempo a perder. Adeus, brincalhão. Lembranças à Gabriela.

E IRENE SAI DE CENA

Arnaldo — [À PARTE] Louco... Louco coisa nenhuma. Se eles pensam que vou perder essa valiosa fortuna só por conta da beleza, se enganou redondamente. É de dinheiro que preciso [DÁ UMA GARGALHADA] De muito dinheiro... Só a horrível Gabriela quebrará esse galho. Veja... Aí vem ela. Somente ela. Gilberto soube o seu lugar [UMA GARGALHADA]

NISSO GABRIELA ENTRA EM CENA. COMO VOZ FANHOSA, DIZ:

Gabriela — Bas tarde, seu moço.

Arnaldo — É... É! Boa tarde sim.

Gabriela — Ocê queria falá comigo, seu moço?

Arnaldo — Sim... Sim, Gabriela. Sabe que há muito tempo espero por esse momento?

Gabriela — Ocê só pode estar brincando. Ninguém quer falar comigo.

Arnaldo — Não, querida... Estou falando sério. Eu venho observando-a há muito tempo.

Gabriela — Se ocê tá me gozando, fique sabendo que num gosto dessa brincadeira. Ocê pensa que eu não me enxergo? Eu sei que sou feia, todos me desprezam. Já chegaram a me dizê que eu pareço mais uma assombração dos zóio pelado

Arnaldo — Não, querida. Não é verdade o que disseram. Eu não penso assim.

Gabriela — Ocê tá fingindo comigo. Pensa que eu num sei?

Arnaldo — Eu não estou fingindo. Eu amo-a de verdade, como você é.

Gabriela — Palavra bonita o amor. Eu jamais conheci o significado dessa palavra.

Arnaldo — Pois, então, conhecerá agora.

Gabriela — Num diga bobagem, moço. Quem iria amá uma mulher como eu?

Arnaldo — Você não é tão feia assim, Gabriela.

Gabriela — Eu vou embora. Ocê tá quase fazendo eu acreditá nessa mentira. O amor pra mim não existe.

Arnaldo — Vai existir agora. Gabriela. Sem você minha vida não terá um objetivo.

Gabriela — Pare seu moço. Eu to quase acreditando.

Arnaldo — Acredite, Gabriela. Estou falando a verdade. Como prova de minha franqueza, tome. É uma foto minha. Tirei especialmente para dá-la a você. Gostaria de possuir uma sua também.

Gabriela — Eu num tenho, sô moço. Tenho vergonha de ir ao fotógrafo e ele se assustar comigo.

Arnaldo — Bobagem, querida. E digo mais uma: deixem que falem de nós dois. Sabe como é essa gente. Invejosos [ELE ENTREGA A FOTO]

Gabriela — Vão ter inveja de mim. Ocê é um moço tão lindo, porque vai querer uma mulher como eu? Sabe que o casamento é pra toda vida.

Arnaldo — É o que importa, meu bem. Amo-a loucamente. Por isso que eu digo: não vamos dar importância ao que eles dizem. O importante é o nosso amor,

nossa vida... Eu e você, certo?

Gabriela — Sô moço... Sô moço...

Arnaldo — Deixe de bobagens. Um aperto de mão para selar nosso primeiro encontro? [E APERTAM AS MÃOS]

Gabriela — Se ocê namorá eu, prometo que o farei feliz... Seu nome é como?

Arnaldo — Me chamo Arnaldo. E eu trabalho duro. Sabe como é a vida...

Gabriela — Se nois se casá, ocê num precisa trabalhar mais.

Arnaldo — Eu... Eu estou acostumado a trabalhar. Isso pra mim me diverte.

Gabriela — Num posso dizer isso pra você, porque eu nunca fiz. Há muita gente que trabalha e vive feliz, mas como não faço nada, já não é assim.

Arnaldo — Não se lastime mais, querida. Chegou o momento de sermos felizes. Agora preciso ir, sim. Tenho que me aprontar para ir para o escritório. Sabe como é... Eu não posso perder nenhum dia no trabalho, sabe... Até breve, meu amor.

Gabriela — É cedo ainda, meu bem...

Arnaldo — Não... Não é cedo... Eu... Eu vou chegar atrasado. Amanhã nós conversaremos novamente.

Gabriela — Vá à minha casa hoje à noite, querido.

Arnaldo — Eu... Eu não sei se terei tempo. Até amanhã, sim. E passe bem, querida.

Gabriela — Até amanhã então. Quer um beijo no rosto, como despedida de hoje?

Arnaldo — Não querida... As coisas quanto mais demoradas, melhor.... Ainda mais quando se trata de amor, querida.

Gabriela — Então até breve, amor.

Arnaldo — Sim... Até breve

ARNALDO SAI DE CENA

Gabriela — [À PARTE] Não pode ser um sonho... Isso é mesmo realidade! Afinal de contas, o amor é cego.

NISSO IRENE ENTRA EM CENA

Irene — Oras... Veja quem está aqui. Como vai, Gabriela? Há quanto tempo já não te via...

Gabriela — Sabe como são as coisas... Tudo muda. A gente uma hora é infeliz, outra hora feliz. Por exemplo, agora me sinto muito feliz. Se ocê souber, vai achar graça.

Irene — Conte-me então, Gabriela.

Gabriela — Ocê num sabe que um tal de Arnaldo quer casá comigo. Não é engraçado?

Irene — Oh! Não diga tolices, Gabriela.

Gabriela — É verdade! Veja... Deu até essa fotografia pra fazê eu lembrá sempre dele.

Irene — Oh! Vejá só... Ele está te enganando.

Gabriela — Num está não. Amanhã nois vamo se encontrá novamente.

Irene — Mas não é possível... Arnaldo sendo um moço de certo estilo, se apaixonar por uma mulher...

Gabriela — Uma mulher feia como eu, não é? Pode falar. Eu sei que eu sou horrível.

Irene — Gabriela, o quê você fez para Arnaldo?

Gabriela — Pode crê... Não fiz nada. Num lido com macumba não, senhorita. Tenho medo dessas coisas. Nunca fiz nada forçado. Acontece que Arnaldo me ama e eu vou fazê tudo pra num perdê ele. Tenho certeza de que o farei feliz ao meu lado.

Irene — Idiota. Fazê-lo feliz com essa feiúra? Olhe, eu não sei o que houve, mas vou descobrir. Tem qualquer coisa nisso...

Gabriela — Pode tentá descobrir... O que tenho a dizer é que eu e Arnaldo num tardaremos a ser marido e mulher. Agora vou embora. Apareça em casa, dona Irene.

Irene — Escute aqui. Onde ele foi agora?

Gabriela — Arnaldo foi trabalhá. Num sabe?

Irene — Está vendo como ele pregou uma farsa? Arnaldo não trabalha em lugar nenhum. Conheço-o há seis anos e nunca o vi trabalhar. Ele ganha alguns cobres no jogo e, às vezes, até perde.

Gabriela — Pois é... Mas logo ele terá o que quer... Ao meu lado. E nunca lhe faltará o meu carinho. Já é tarde... Adeus Irene.

E GABRIELA SAI DE CENA

Irene — [À PARTE] Hum! E ela está segura de si. Parece até que fez alguma mandinga... Mas hei de descobrir.

PANO

FIM DO 1º ATO

2º ATO

NARRADOR — O romance não durou muito, casaram-se logo. A noite de núpcias foi um fracasso para os dois. Ela amava-o, e queria seus carinhos, seu calor, ele ao contrário. Não queria nem sequer vê-la. Vejamos depois de uma semana o que está acontecendo nesse estúpido casamento.

Vamos ao 2º Ato da Peça.

EM CENA, ARNALDO

Arnaldo — Puxa vida...eu...eu pensei que era uma coisa e é outra bem diferente. Mas não há de ser nada...eu hei de vencer esta batalha. Até os amigos se afastaram de mim. Nem o Gilberto, o meu colega de confiança, não tenho visto mais. Acho que vou telefonar-lhe. É tão bom ter um amigo de confiança para bater um papo nas horas de folga, ou nas horas solitárias. [VAI E DISCA O TELEFONE DIZENDO] Alô...Com quem falo, sim dona Conceição, a mãe de Gilberto. Por gentileza, ele está? Quero falar com ele um pouco, minha senhora. Eu sou o Arnaldo, ele conhece. [ESPERANDO UM POUCO ELE...] É você Gilberto? É o seguinte, dê um pulo até aqui para batermos uma caixa. Não...é que estou com saudade das nossas palestras, você sumiu...está bem...estou aqui o dia todo. hu hu, tá...certo. [E DESLIGA O FONE] é... eu preciso me conformar...mas será por pouco tempo...terei um pouco de paciência até que eu encontre uma solução. [TRAMANDO.] Um acidente...um acidente seria o ideal para isto. Ela morta...tudo será meu. Esta belíssima casa de campo...essas invernadas, aqueles riachos, enfim essa fortuna toda, poderei desfrutar tudo com outra companheira ao meu lado, uma companheira que seja linda. Com todo esse dinheiro, conseguirei, uma bela boneca, em carne e osso.

NISSO GABRIELA ENTRA EM CENA

Gabriela — Querido...o que acontece?...

Arnaldo — Nada...estou um pouco perturbado.

Gabriela — Estou notando que você não está contente comigo. O que eu fiz?...

Arnaldo — Não é nada Gabriela...é que eu adoro a solidão.

Gabriela — Oce num gosta de mim...Até aqui ainda não me deu um beijo. Proque num fais. Afinal nós somos ou num somos, marido e mulher.

Arnaldo — Há...deixe de bobagem, Gabriela, isso só fica bem pra quem é solteiro!

Gabriela — Nós ainda estamos em lua de mel.

Arnaldo — Qual nada. Quem casa-se precisa pensar em negócios, na vida, enfim.

Gabriela — Já disse que nós não precisamos, sou muito rica, o que é meu,

é seu, não há cerimônia. Veja que casa escolhi para nossa lua de mel. A casa de campo. Daqui podemos avistar toda a planície. Vamos fazê as pazes. Dois pombinhos não podem viver brigando logo de início.

Arnaldo — Eu não estou brigando. Apenas quero ficar só. Todos nós temos um gênio.

Eu por exemplo sou assim.

Gabriela — O que ocê fica fazendo aí horas e horas sozinho, olhando para o tempo, diga o que você quiser e terá...E seu tudo...num tá bom aquele carro, compre um mais bonito pra você. Essa fortuna que possuo, é para dividir só com você. Já te ensinei o segredo da burra...Oce pega o dinheito que quizê, e faz o que bem entender, mas só tem uma coisa: Onde ocê for eu vou...Ocê é meu...e eu também sou sua.

Arnaldo — Gabriela...certos lugares não é permitido a presença de mulheres.

Gabriela — A minha presença não é proibida em lugar algum. Tenho o melhor título.

Arnaldo — Bem...eu sei, mas...

Gabriela — Todos dizem aqui: olhem a feia. É verdade, mas sou respeitada, porque ao mesmo tempo dizem: a milionária. De modos que todos me conhecem. Eu entro e saio em qualquer lugar.

Arnaldo — Bem...está certo...Deixe-me só, Gabriela. Eu...eu...não quero nada.

Gabriela — Meu bem eu sou sua até o fim...

Arnaldo — Está bem...está bem, mas agora deixe-me só [NISSO BATEM PALMA. É GILBERTO...]

Gabriela — Vou ver quem é...

GABRIELA SAI DE CENA

Arnaldo — Deve ser Gilberto...ele disse que vinha.

LOGO EM SEGUIDA GABRIELA ENTRA EM CENA NOVAMENTE.

Gabriela — É Gilberto, seu colega...mandei subir...

Arnaldo — Ótimo...deixe-me só...Há tempo não vejo Gilberto.

Gabriela — Tá bem querido...Cum seu colega oce póde conversá. Estejam à vontade.

E NISSO GABRIELA SAI DE CENA

Arnaldo — Até que enfim, some um pouco essa coruja da meia noite.

NISSO ENTÃO GILBERTO ENTRA EM CENA

Gilberto — Olá Arnaldo...

Arnaldo — Olá Gilberto, como vai?

Gilberto — Eu bem...e você, não o vi desde o casamento...o que acontece?

Arnaldo — Não posso sair, Gilberto... Sente-se. Eu queria que você viesse.
[SENTAM-SE E...]

Gilberto — O que acontece, meu rapaz?

Arnaldo — Olhe...não suporto a presença de minha esposa...tenho vergonha de sair com ela, de apresentá-la aos meus amigos. Tenho tudo mas não suporto a sua presença. Jamais vi um ser humano assim, tão horrível. Diga o que farei pra me libertar de Gabriela?

Gilberto — Oras imagine só, o que eu poderia dizer-lhe? Você devia ter pensado antes nisso, meu Velho.

Arnaldo — Me ajude, Gilberto.

Gilberto — Em que...O que eu posso dizer-lhe é que tenha paciência com sua Gabriela e viva a vida, afinal você queria se casar, não é verdade?

Arnaldo — Não lhe chamei para rezar sermões.

Gilberto — Então o que quer que diga? Que a mate? Sossegue a ideia, que eu não lhe sugeriria tal coisa. Todos nós vivemos e trabalhamos por uma força divina. Tenho uma novidade a contar-lhe.

Arnaldo — Conte-me logo.

Gilberto — Sabe aquela moça que você jogou pras traças?

Arnaldo — Sei, Irene.

Gilberto — Essa mesma. Ela era bem mais interessante que Gabriela, não? Você chutou-a, desprezando-a.

Arnaldo — Não me faça recordar o passado, Irene é uma boa moça e sei que não posso comprar seus carinhos.

Gilberto — E não terá esse prazer, porque se o fizer, mato-o. Irene o ama, mas eu farei com que o esqueça. Eu amo Irene de verdade, e seria um mau gosto se você com esse dinheiro sujo, a comprasse e a enlameasse.

Arnaldo — O que quer dizer com isso?

Gilberto — Que não procure Irene, a fim de consolá-la. Tem dinheiro...viva a vida, procure outra, mas... não Irene... [E VAI PARA SAIR.]

Arnaldo — Espere Gilberto...somos amigos, não somos?

Gilberto — Até o dia em que você se aproximar de Irene. Adeus Arnaldo.

E GILBERTO SAI DE CENA. ARNALDO PÕE A MÃO NA CABEÇA E SE MALDIZ DA VIDA.

Arnaldo — Sim...eu não teria esse direito...eu chutei—a...eu tenho que mantê-la chutada. Ele a ama e fará qualquer coisa para não a perder. [SEU OLHAR MUDA DE REPENTE E]...A escada...Aquela escada...Uma queda daqui lá embaixo seria o fim. O fim de Gabriela. [DA UMA RISADA, MAS MUDA DE IDEIA.] não...não...eu não faço isso...Eu não teria coragem para tal tragédia. [CHORANDO] Ela é vida. Se machucará toda...não...não...não...

GABRIELA ENTRA EM CENA VEM AO LADO DELE

Gabriela — Arnaldo...meu querido...O que aconteceu...Oce ta chorando...diga-me o que aconteceu, pra sua Gabriela. [ELE SE AFASTA E ...]

Arnaldo — Deixe-me...não aconteceu nada...estou pensando na vida e fico triste às vezes.

Gabriela — Onde está seu companheiro?

Arnaldo — Já se foi.

Gabriela — Não quis convidá-lo ao café?

Arnaldo — Ele não quis esperar. Voltará qualquer dia.

Gabriela — Ocê tá chorando.

Arnaldo — Não...não estou não. Estou bem, me deixe a sós.

Gabriela — Tá arrependido de casá comigo? Está cheio de mim, não é? Responda?

Arnaldo — Para dizer a verdade...estou...estou cheio disso tudo. Dessa sua cara, desse seu corpo, desta prisão. Você é horrível, tão horrível que me causa medo a certa hora.

Gabriela — Não...diga que não é verdade...

Arnaldo — É verdade sim. Detesto-a, odeio-a.

Gabriela — Me mata então.

Arnaldo — Não tenho a coragem, e mesmo que tivesse, não o faria.

Gabriela — Então...é porque você me ama. Vamos, não brinque mais com sua Gabriela. Dê-me um beijo.

Arnaldo — Não...Afaste-se de mim. Não quero vê-la mais...Saia de minha frente. [ELA VAI ABRAÇÁ-LO ELE SE AFASTA TIRANDO SUAS MÃOS]

Gabriela — Dê-me um beijo...Vamos.

Arnaldo — Largue-me... [ELA CONTINUA A ABRAÇÁ-LO]

Gabriela — Só um beijo querido... [E ELE SE AFASTA]

Arnaldo — Não Gabriela...Deixe-me e...

NESSE MOMENTO ARNALDO É FORÇADO A EMPURRÁ-LA PARA TRÁS...

GABRIELA PERDE O EQUILÍBRIO E CAI NAQUELA ESCADA, SOLTANDO UM GRITO DE MORTE...

GABRIELA SAI DE CENA TOMBANDO. ASSUSTADO ELE...

Arnaldo — Meu Deus...O que foi acontecer? Gabriela...Gabriela...Gabriela.

E COMO LOUCO ARNALDO SAI DE CENA

NISSO APAGAM AS LUZES DA RIBALTA ESCURECENDO TUDO. LOGO MAIS ACENDEM E ENTÃO

ARNALDO ENTRA EM CENA CARREGANDO GABRIELA, E A PÕE SOBRE O SOFÁ OU NO CHÃO E...

Arnaldo — Ela morreu... Oh! Gabriela. Eu não gostava mesmo de você, mas jamais...jamais desejei vê-la morta...me perdoe. Gabriela, me perdoe...eu não teria a coragem de fazer isso. Eu...eu...não matei Gabriela...O destino quis assim...deixe-me levá-la para cama e avisar alguém...

A CARREGANDO NOVAMENTE, ARNALDO SAI DE CENA. LOGO DEPOIS ARNALDO ENTRA EM CENA

Arnaldo — Gabriela morreu...não tenho remorso algum...pois não fui eu quem a matou.

Ela perdeu o equilíbrio e rolou escada abaixo. Afinal, por que se entristecer? A vida continua. Um homem com tanta grana ao seu dispor, não pode viver triste. Agora preciso viver...viver a minha vida

E COM ESSA FRASE ENCERRA O ATO

PANO

FIM DO 2º ATO

3º ATO

NARRADOR — Nosso próximo quadro mostra um mês depois. Como dito e feito. Arnaldo cuidou do enterro e de tudo e foi viver sua vida. A sua vida, com todo aquele dinheiro. Bebia, jogava e farreava, até que um dia conheceu Elena. Vejamos o 3º ato da peça, encontrando-se na mesma mansão do campo, onde passara amargos dias, hoje lindos. Até lá...

EM CENA ARNALDO COM A GRAVATA FORA DO LUGAR

Arnaldo — É...quanta felicidade, quanta alegria...O idiota do Gilberto, pensou que eu ia me interessar pela Irene...justo em quem ele pensou. [UMA GARGALHADA] Arnaldo aqui tem o poder de arranjar coisa melhor. Se ele conhecesse minha noiva... Eu ainda terei o prazer de apresentá-la...Bem apresentá-la não, apresentá-los. Quero que Gilberto e Irene conheçam a minha adorável Elena.

E NISSO IRENE ENTRA EM CENA E...

Irene — Como é viúvo alegre? Está feliz da vida? Não me olha mais, ficou rico, e orgulhoso.

Arnaldo — É só você que veio aqui...

Irene — Sim, o que há demais?

Arnaldo — Não...não, vá embora....Só venha aqui quando estiver acompanhada.

Irene — Está com medo de Gilberto?

Arnaldo — Para dizer com franqueza, tenho.

Irene — Mas não teve medo de acabar com Gabriela. Diga a verdade, você assassinou-a.

Arnaldo — Não é verdade...eu não faria isso.

Irene — Há um comentário aí dizendo que você a empurrou escada abaixo.

Arnaldo — Quer saber de uma coisa? Vá embora daqui. Não estou disposto a ouvir conversa fiada.

Irene — Vou ficar aqui...quero ver se você tem coragem de me expulsar. A não ser que você me empurre escada abaixo também.

Arnaldo — Chega...não fale mais em escadas.

Irene — Já o irritei bastante, agora vamos conversar seriamente, Arnaldo.

Arnaldo — Não quero conversa contigo.

Irene — Mas o que houve homem?

Arnaldo — Gilberto, prometeu me matar se me visse com você. E eu não quero

morrer ainda. Agora se vá.

Irene — Não...eu quero ficar...

Arnaldo — Então eu saio daqui...O que prefere?

Irene — Deixe de idiotice, quero conversar sobre negócios. A respeito daquelas cercas arrebitadas, a par com o riacho.

Arnaldo — Eu não sei de cerca nenhuma.

Irene — Você agora é dono. Afinal com quem devo falar? O terreno do papai faz divisa com o riacho, e é você que tem de arranjar.

Arnaldo — Está bem...arranjei logo, não se preocupe. Hoje mesmo mandarei dois homens para lá. Agora pode sair. Se ver Gilberto diga que dê um pulo até aqui. Quero apresentar minha noiva.

Irene — Vai casar-se novamente?

Arnaldo — Se der certo, sim.

Irene — Está bem...até breve, então...

Arnaldo — Pode vir com Gilberto. Quero comemorar o noivado. Já comprei champagne.

Irene — Está bem medroso...

E COM ISSO IRENE SAI DE CENA

Arnaldo — Eu...eu não posso ficar com Irene aqui. Conheço muito bem o gênio de Gilberto. Se fosse coisa que ela viesse com ele, não tinha importância alguma.

NISSO ELENA ENTRA EM CENA

Elena — Olá querido...

Arnaldo — Olá, minha bonequinha... Elena, como você está linda hoje. Está ficando cada vez mais encantadora...você sabe que é maravilhosa?

Elena — Qual nada...não sou tão linda como pensa. É impressão sua, querido.

Arnaldo — Dê-me um abraço e um beijo, meu amor. [E SE APROXIMAM]

Elena — Há quanto tempo esperava por esse momento.

Arnaldo — Eu também, querida.

Elena — Mais um beijo querido.

Arnaldo — Sim...sim...qu岸os você quiser.

E BEIJAM NOVAMENTE. NISSO ALGUÉM BATE NA PORTA.

Elena — Oh! Que pena, meu amor. [SE APARTAM E...]

Arnaldo — Pode entrar...meus amigos...

NISSO ENTRA EM CENA GILBERTO E IRENE

Gilberto — Olá, Arnaldo...gostei muito de seu procedimento, Irene me contou tudo. Parabéns.

Arnaldo — Sim...sim...eu ... eu respeito muito a senhorita Irene. Vamos festejar o nosso noivado...Primeiro quero que conheçam minha noiva, Elena...DÃO OS PARABÉNS E...

Gilberto — Com muito prazer...Esta é Irene, minha pequena... [E DÃO OS PARABÉNS]

Arnaldo — Espere que vou buscar a champanhe para brindarmos à nossa saúde. [E ARNALDO SAI E DEPOIS VOLTA COM A GARRAFA DE CHAMPANHE E 4 COPOS.] Aqui está pessoal. Reservei este trago para os meus melhores amigos.

Gilberto — Certo...os amigos merecem...

E JÁ DESTAMPA A CHAMPAGNE E SERVE 4 COPOS DIZENDO

Arnaldo — A nossa saúde, e a de Elena também.

LOGO MAIS TOMAM A CHAMPAGNE E...

Irene — O que deu em você?

Arnaldo — Estou alegre...alegre por conhecer a mulher mais linda deste mundo, Elena. Ela é, ou não é uma maravilha pessoal?

TUDO MUNDO DIZ — É...

Arnaldo — Para Elena nada...

TUDO MUNDO — Tudo.

Arnaldo — Pique- pique

TUDO MUNDO — Pique pique, pique pique pique pique pique, Elena, Elena..., Elena...

Arnaldo — Mais um copo, Elena...

Elena — Não...chega...

Arnaldo — Só mais um. Bebam mais pessoal.

Gilberto — Não, chega, Arnaldo.

Irene — Vamos embora, Gilberto.

Gilberto — Vamos sim, querida.

Arnaldo — Ei...porque se vão? Está tão boa a festa. Fiquem mais um pouco. São apenas 10 horas.

Gilberto — Pois é isso mesmo. Já é tarde.

Arnaldo — O que importa, vamos amanhecer.

Gilberto — Não Arnaldo...amanhã quero pular cedo, e Irene também, creio eu.

Irene — É verdade...já tomamos parte no seu trago, agora até amanhã.

Arnaldo — Qual nada...vou abrir outra garrafa, e...querem uísque?...tem aí... ou melhor vou buscar.

Gilberto — Não, Arnaldo...outro dia começaremos mais cedo...hoje, porém, é muito tarde...

Irene — Leve Elena, e repouse hoje...

Arnaldo — Está bem...está bem...já que não querem mais ficar, então boa noite.

Gilberto — É isso mesmo...Boa noite, Arnaldo, Boa noite, Elena.

Elena — Boa noite.

Irene — Boa noite Elena e Arnaldo.

Arnaldo — Boa...boa noite sim...

E COM ISSO GILBERTO E IRENE SAEM DE CENA.

Elena — Agora querido, não posso ir. Está tão tarde.

Arnaldo — Ir pra onde? Elena não vá me dizer que pretende estragar esta noite.

Elena — Eu não pretendo estragar...mas...

Arnaldo — Vai ter que pousar aqui...aqui comigo... Afinal que há de mal nisso, se hoje, ou amanhã você será minha esposa...

Elena — É verdade, meu querido Arnaldo.

Arnaldo — Então dê-me um beijo...

Elena — Quantos você quiser. [E BELJAM-SE LONGAMENTE...] Quer mais um trago?

Arnaldo — Não... [E PEGA PARA A MÃO DE ELENA E LEVA CONSIGO, NISSO APAGAM AS LUZES DA RIBALTA E...]

NISSO O RELÓGIO BATE 12 BADALADAS. E LOGO MAIS ACENDEM AS LUZES DA RIBALTA NOVAMENTE.

ARNALDO E GABRIELA NA CENA, ABRAÇADOS.

DE REPENTE ARNALDO FICA FRENTE A FRENTE COM GABRIELA E...

SOLTA UM GRITO DE TERROR EXCLAMANDO...

Arnaldo — Gabriela!...Oh!...não!...Você está morta!...Largue-me!...

Gabriela — Venha, Arnaldo...É a sua Gabriela...

Arnaldo — Não!...não!...Você está morta... [E SAI CORRENDO A TODA VELOCI-

DADE, NÃO VÊ A ESCADA E...] Aaaaaai....

NESSE INSTANTE GABRIELA SOLTA UMA TERRÍVEL GARGALHADA E DESAPARECE SOB AS FUMAÇAS DA PÓLVORA QUEIMADA.

CENA VAZIA, QUANDO GILBERTO ENTRA EM CENA

Gilberto — Meu Deus...que morte horrível. Como foi acontecer isso? Ele não estava tão embriagado...E sua noiva...onde se meteu?

IRENE ENTRA EM CENA

Irene — O que aconteceu Gilberto?!

Gilberto — Ouvi o grito de Arnaldo e corri até aqui, encontrei—o morto lá embaixo.

Irene — Onde está Elena sua noiva?!

Gilberto — Não sei...ela desapareceu.

NISSO A VOZ DE GABRIELA EXCLAMA...

Gabriela — Venha Arnaldo...não podíamos viver nesse mundo, viveremos juntos no além. Venha, Arnaldo.

Gilberto — Mas essa voz é...é de Gabriela.

Irene — Gilberto...por favor, vamos sair daqui...Elena não existe...

Gilberto — Sim...é verdade A tal Elena, é Gabriela...vamos daqui.

Irene — Ela se vingou depois de morta...

E COM ESSA FRASE ENCERRA O ATO SAINDO AMBOS DE CENA

“PANO”

FIM DA PEÇA